



C · I · N · E · M · A

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Jango, nesta quarta, na Cultura Hispânica

Jango, de Silvio Tendler, que divide com Cabra Marcado para Morrer, de Eduardo Coutinho, o título de "Melhor documentário de longa-metragem brasileiro", será apresentado, em duas sessões, nesta quarta-feira, no auditório da Cultura Hispânica (20 e 22h), numa promoção do Instituto Alberto Pasqualini.

O documentário Jango é o terceiro longa-metragem de Silvio Tendler, professor de cinema da PUC-Rio. O primeiro, Os Anos JK, alcançou grande sucesso. O segundo, O Mundo Mágico dos Trapalhões, foi visto por dois milhões de espectadores, um record espantoso, em se tratando de um documentário. Os críticos, porém, não se entusiasmaram muito com o filme. Em compensação, quando Jango estreou, no primeiro semestre de 1984, verificou-se rara unanimidade. Público e crítica se entusiasmaram com o filme, visto por um milhão de espectadores. Em Brasília, o Estado de Emergência, decretado pelo General Newton Cruz, acabou transformando o então Cinema I, no Conjunto Nacional, no único espaço de manifestação política.

A maior riqueza do filme, além do fato de apostar na emoção, está no registro de depoimentos dos que foram pró e contra Jango.



Para lembrar o aniversário de morte de Getúlio Vargas, o Instituto Alberto Pasqualini promove, no auditório da Cultura Hispânica, duas sessões de "Jango" de Silvio Tendler.

Cinéfilos têm poucas opções

Depois dos cinefilos paulistas, cariocas e gaúchos, os brasileiros são os mais atualizados do País. Este quarto lugar, porém, não significa muito, se levarmos em conta que estamos atrasadíssimos em relação ao que se faz de mais novo no cinema mundial. Os filmes soviéticos descongelados pela glasnost continuam inéditos aqui. O cinema do alemão Syberberg, idem. O que conhecemos do novíssimo cinema grego, turco, canadense, holandês, japonês, tcheco, argentino, mexicano ou australiano? Praticamente nada.

Nesta área, os paulistas cariocas e gaúchos estão bem melhor servidos. São Paulo atualiza com arte significativa do melhor cinema mundial graças a Leon Cakoff e sua Mostra Internacional de Cinema, realizada anualmente, na segunda quinzena de outubro. Foi Cakoff que introduziu no Brasil cineastas como Thomas Gutierrez Alea, de Cuba e Joes Stelling, da Holanda; que mostrou filmes desconhecidos do iugoslavo Dusan Makavejev; a linha de frente do novo cinema inglês; algumas raridades de Wim Wenders

(tipo Tokio Ga e O Estado das Coisas), etc, etc. No Rio, o Festival Internacional de Cinema, TV e Vídeo, organizado por Ney Sroulevich, embora apresente mostras competitivas sem grandes títulos, enriquece os cinéfilos com mostras paralelas e informativas de primeira linha.

Os gaúchos, graças ao Clube de Cinema de Porto Alegre, também não medem esforços para se atualizar. Os cineastas de lá, que hoje fazem o melhor curta-metragem do País, são cinéfilos ativos e marcam presença nos debates em Gramado, onde reúnem forças para produzir a revista *Moviola* e promover a atualização do público com a linha de frente do cinema mundial.

Brasília se "atualiza", na medida do possível, nas programações paralelas do IC-BA (Instituto Cultural Brasil-Alemanha); o mais dinâmico organismo cultural estrangeiro dos poucos que aqui atuam; na Casa Thomas Jefferson; no Cine Brasília; no Centro de Cultura Cinematográfica (que funcionava na Cultura Inglesa e, no início deste ano,

mudou-se para a Cultura Hispânica); na sala Le Corbusier e Aliança Francesa, organismos assessorados pela Embaixada da França, e no Cineclube da UnB. E é só. A Sala Paulo Emilio, da Fundação do Cinema Brasileiro, continua reprisando filmes já bem conhecidos. Até hoje não conseguiu promover uma única grande estréia nacional ou internacional.

Quando Marco Antônio Guimarães dirigia a assessoria de cinema da Fundação Cultural e o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro não media esforços junto às embaixadas no sentido de trazer mostras de novos filmes para o público brasileiro. Hoje, com sua ausência (está no eixo BH-Cataguazes), sumiram do mapa possibilidades de atualização dos cinéfilos locais. A única vez que Brasília viu os melhores momentos da Mostra Internacional de São Paulo foi no final dos anos 70. Ele nunca esperou que as embaixadas lhe trouxessem mostras prontas. Costumava procurá-las solicitando promoções conjuntas. Este espírito, na FICDF, desapareceu com sua saída.